brazilian medical students journal

RELATO DE EXPERIÊNCIA

DOI: 10.53843/bms.v5i8.281

POPULAÇÃO NEGRA: O QUE NÃO É ENSINADO SOBRE SEMIOLOGIA DERMATOLÓGICA NA PELE PRETA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Henrique Lira Borges[1], ORCID ID 0000-0002-0751-953X; Andressa Soares Figueiredo Feitosa[1], ORCID ID 0000-0001-6377-5207; Giulli Andretta[1], ORCID ID 0000-0002-4160-0892; Natalie Sbalqueiro Fogaça[1], ORCID ID 0000-0001-8885-3718; Anelyse Pulner Agulham[1], ORCID ID 0000-0003-1499-2146; Pollyana Custódio[1], ORCID ID 0000-0002-6070-3504; Agnes Zanotto Manoel[1], ORCID ID 0000-0003-4488-3127; Bruna Passos Conti[1], ORCID ID 0000-0002-4642-674X; Bruno de Faria Melquíades da Rocha[1], ORCID ID 0000-0002-9489-2614; Poliana Zanotto Manoel[1], ORCID ID 0000-0003-3162-5292; Camila Angelo Rosa[2], ORCID ID 0000-0003-2980-8639.

FILIAÇÃO

(1) Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná, Medical Student

(2) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Medical doctor

AUTOR CORRESPONDENTE

Henrique Lira Borges; henriquelira70@gmail.com; Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná.

MENSAGENS-CHAVE

O evento online sobre semiologia dermatológica da pele preta foi realizado para pontuar a importância da abordagem do tema entre estudantes de Medicina.

O presente relato permite reiterar a importância de ampliar os conhecimentos da dermatologia para a pele preta.

O objetivo é promover e disseminar os aspectos relacionados à saúde de grupos étnicos da sociedade brasileira

RESUMO

INTRODUÇÃO: A bibliografia da semiologia dermatológica, majoritariamente, apresenta descrição das lesões do ponto de vista da pele branca, não abrangendo as formas de manifestações na da população negra, que representa 55,8% das peles no Brasil. Por essa razão, muitos médicos não estão aptos a identificar lesões de pele nessa população e os estudantes não estarão, futuramente, qualificados para identificar e tratar de forma adequada essas lesões. O objetivo do relato é promover e disseminar os aspectos relacionados à saúde de grupos étnicos da sociedade brasileira. **RELATO:** Por meio da IFMSA Brazil foi promovida uma roda de conversa com o título "População negra: o que NÃO é ensinado sobre semiologia dermatológica na pele preta", que levantou, através de uma roda de conversa, a discussão sobre as principais lesões apresentadas na pele preta, e uma cartilha de mesmo título, responsável por condensar em um documento passível de compartilhamento imagens, descrição da lesão, epidemiologia e tratamento de 10 doenças dermatológicas na pele preta. O estudo se caracteriza como observacional, descritivo e retrospectivo, que retrata a experiência de seis acadêmicos. A atividade foi planejada e executada em dois principais módulos: roda de conversa e cartilha, os quais contaram com quatro e três etapas, respectivamente. O trabalho apresentou limitações comunicativas e de material imagético para o banco de lesões. **DISCUSSÃO:** O estudo da pele negra é um tópico importante e complexo no campo da dermatologia, sendo imprescindível conhecer as suas diferenças estruturais, biológicas e funcionais em relação à pele clara. Isso assegura que esses futuros profissionais possam realizar um atendimento aprimorado, adequado e integral à população brasileira. **CONCLUSÃO:** Os feedbacks da ação foram positivos. Ficou evidente quão deficitária é o tratamento desse contingente da semiologia dermatológica, demonstrando a necessidade da abordagem mais pormenorizada dessa temática ao longo da graduação de Medicina.

PALAVRAS-CHAVE: *Dermatopatias; Saúde da População Negra; Educação Médica.*

DOI: 10.53843/bms.v5i8.281

ABSTRACT

INTRODUCTION: The dermatological literature of semiology mostly, presents a description of skin injuries from the point of view of white skin, not covering the ways of manifestations in the black population, which represents 55.8% of skin in Brazil. For this reason, many physicians aren't able to identify skin diseases in this population and the medical students won't be, in the future, qualified to properly identify and treat these injuries. The purpose of report is to promote and disseminate health-related aspects of ethnic groups in Brazilian Society. **REPORT**: Through IFMSA Brazil, a conversation circle was promoted with the title "Black population: what is NOT taught about dermatological semiology in black skin", which resulted, through a conversation circle, a discussion about the main injuries on black skin and a handout of the same title, responsible for summarize images, description of the lesion, epidemiology and treatment of 10 dermatological diseases in black skin into a document that allowed sharing. The present study is defined as observational, descriptive and retrospective, which portrays the experience of six medical students. The activity was planned and executed in two main sections: conversation circle and handout, which had four and three stages, respectively. The work presented communicative and image material limitations for the injury bank. **DISCUSSION**: The study of black skin is an important and complex topic in the field of dermatology and it is essential to know its biological and adaptable differences in relation to white skin. This makes sure that the future professionals can provide improved, comprehensive and proper care to the Brazilian population. **CONCLUSION**: The feedback from the event was positive. It was clear that there's a lack of treatment in this part of dermatological semiology, showing the need for a more detailed approach to this theme throughout the graduation into the medical field.

***KEYWORDS**: Skin Diseases; Health of an Ethnic Group; Medical Education.*

INTRODUÇÃO

As doenças dermatológicas, em sua grande maioria, são representadas, em materiais desta área, como se ocorressem somente na população branca, não abrangendo as formas de manifestações na pele preta.1 Grande parte das dermatoses presentes na pele branca também ocorrem na pele negra, no entanto, as doenças possuem diferentes tipos de manifestações em ambos os casos.3 Essa discrepância de banco de informações relacionadas à pele branca e preta é incoerente quando se analisa o dado de que 55,8% da população brasileira é negra.2

Como relatado, quando é feito uma pesquisa sobre manifestações dermatológicas, em busca de características, diagnóstico e tratamento, fica clara a prevalência quase total de material focado somente na pele clara, sendo que os poucos dados existentes sobre a dermatologia da pele negra estão escritos em outras línguas. Dessa forma, a prática médica diária torna-se um desafio para reconhecer dermatoses nas peles mais escuras, mesmo aquelas mais comuns.1

O câncer de pele, por exemplo, é menos prevalente em pessoas negras do que na população branca. Porém, quando o câncer de pele ocorre em não-brancos, muitas vezes, apresenta-se em um estágio mais avançado, e assim o prognóstico é pior em comparação a pacientes brancos. Isso se deve à falta de conscientização, aos diagnósticos em estágios mais avançados e aos fatores socioeconômicos, como barreiras de acesso assistencial. Além disso, existem variações próprias da pele negra, que podem ser confundidas com condições de anormalidade e sem esse conhecimento os médicos podem prescrever tratamentos desnecessários. Algumas dermatoses também são mais frequentes ou praticamente exclusivas dos negros, outras se apresentam de uma maneira atípica, devido às características inerentes à pigmentação e à tendência da apresentação de padrões peculiares de reação.4 Sendo assim, a promoção médica de estratégias de prevenção deve abranger todos os pacientes, independentemente da origem étnica e da condição socioeconômica. Nesse sentido, as campanhas de educação pública devem ser expandidas para atingir comunidades negras, a fim de promover diagnóstico e tratamento oportunos.3

É necessário, portanto, que o profissional se familiarize com as diferentes nuances que as lesões podem adquirir na pele mais pigmentada, sendo imprescindível conhecer as suas diferenças estruturais, biológicas e funcionais em relação à pele clara.5 Por conta disso, foi criada a roda de conversa "População negra: o que NÃO é ensinado sobre semiologia dermatológica na pele preta", a qual teve como objetivo enfatizar a necessidade de abordar a temática entre acadêmicos de medicina e comunidade sobre essa realidade social; entender as principais manifestações e conseguir colocar os conhecimentos em prática. Para isso, a atividade contou com uma roda de conversa sobre o tema e seguiu com a elaboração de uma cartilha acerca das principais manifestações dermatológicas, a qual foi compartilhada nas mídias sociais.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O presente estudo se caracteriza como observacional, descritivo e retrospectivo, que retrata a experiência de acadêmicos filiados ao comitê da IFMSA Brazil da faculdade XXX.

O projeto foi organizado e idealizado pelos acadêmicos supracitados e desenvolvido durante os meses de setembro, outubro e novembro, com execução em dezembro de 2020. A atividade foi planejada e executada em dois principais módulos: roda de conversa e cartilha, os quais contaram com quatro e três etapas, respectivamente (Fluxograma 1).

Fluxograma 1: Fluxograma de planejamento e execução da atividade.



O fluxograma apresenta as etapas dos módulos apresentados no decorrer do relato de experiência.
Fonte: autoria própria.

A atividade, portanto, apresentou como pontos positivos a elaboração de um material complementar para o estudo da semiologia dermatológica na pele preta. Quanto aos pontos negativos, o planejamento teve de ser adaptado, pois um dos palestrantes não podia no dia escolhido. E, durante o planejamento, a busca por dermatologistas com especialização em pele preta foi difícil e, portanto, só conseguimos dois para a roda de conversa que teria sido mais bem aproveitada com mais profissionais.

Módulo da roda de conversa

Primeira etapa: levantamento temático

Foi levantado dez doenças (Ptiríase rósea, sarcoidose cutânea, mancha mongólica, melanoma lentiginoso acral, acantose nigricans, dermatite atópica, dermatite de contato, alopecia cicatricial centrifuga central, foliculite dissecante e queloide) que, de acordo com a literatura, representam as mais prevalentes na população negra, por meio da busca em artigos nas bases de dados Scielo, Google Scholar, Pubmed e Lilacs, em sites de sociedades médicas e livros, além de consulta aos profissionais especialistas em dermatologia.

Segunda etapa: busca de profissionais

A presença de profissionais capacitados e a representatividade foram dois principais pontos de referência utilizados na busca por aqueles que comporiam a roda de conversa. Diante disso, encontrou-se dois especialistas em dermatologia pela Sociedade Brasileira de Dermatologia e membros da Skin of Color Society e uma acadêmica de medicina familiarizada com a temática, visto que era produtora de conteúdos digitais relacionados à pele preta, na função de moderadora, a fim de conduzir o evento de acordo com as perguntas levantadas pelos participantes da elaboração da cartilha - acerca dos temas definidos previamente - e dúvidas dos participantes.

Terceira etapa: divulgação

47 pessoas se inscreveram. O evento ocorreu em dezembro de 2020, mas a divulgação foi feita em novembro pelo Instagram. Por meio das redes sociais foi possível alcançar um amplo número de pessoas, por isso, teve inscrições de participantes de diversos estados.

Quarta etapa: execução

Durante a pandemia, a adaptação de eventos para o meio virtual conta com o desafio de proporcionar um ambiente interativo dos participantes com os palestrantes. Em busca disso, optamos por uma plataforma em que os acadêmicos teriam acesso ao chat para fazer perguntas, as quais eram coletadas pelos organizadores e repassadas para a moderadora. Os participantes realizaram perguntas relacionadas ao que faz com que as lesões que ocorrem na pele preta se manifestem de forma diferente, a qual os palestrantes responderam ter associação com a hiperpigmentação, além de explicar a estrutura da pele e como as características inerentes dessa população se manifestam. Ainda, houve questionamentos baseados em senso comum, como a respeito da não necessidade de uso de filtro solar e da incidência de câncer de pele nesse grupo e sobre os efeitos de uso de tratamentos e equipamentos utilizados na dermatologia, como laser. Todas as perguntas foram respondidas pelos palestrantes com base em conhecimentos científicos. Durante o evento, os profissionais salientaram a importância de compreender as diferenças de manifestações das lesões, a fim de proporcionar um atendimento integral a população brasileira, além de realizarem uma abordagem sobre a forma de manifestação das doenças abordadas na parte de levantamento temático (primeira etapa do módulo 1). Essa roda de conversa aconteceu no dia 04 de dezembro de 2020 e teve duração de, aproximadamente, uma hora e meia.

Módulo da cartilha (Anexo 1)

https://drive.google.com/file/d/1oDHNcBLrtEc30zoLloGmV3i4EW8r4Gyf/view?usp=sharing

Primeira etapa: divisão de grupos

O objetivo geral da cartilha é difundir os conhecimentos acerca do tema da atividade, visando alcançar um público além dos participantes do evento. Sendo assim, contamos com a participação de 30 acadêmicos de medicina de diversas faculdades e estados, os quais foram divididos em 5 grupos que eram liderados por cada um dos organizadores do evento.

Segunda etapa: divisão de temas e levantamento de perguntas

Cada equipe ficou responsável por abordar duas doenças, contemplando de forma sintética: descrição das lesões, epidemiologia, tratamento e prognóstico, além de buscar imagens das respectivas manifestações.

Após a divisão, os grupos tiveram, aproximadamente, uma semana (de 27 de novembro à 04 de dezembro de 2020) para realizar a pesquisa e levantar questionamentos a serem abordados na roda de conversa, para que os profissionais especializados pudessem esclarecer as principais dúvidas e fornecer o conhecimento que seria utilizado para a montagem do documento.

Terceira etapa: aprofundamento, formatação e divulgação

Após a participação da roda de conversa, os elaboradores realizaram uma pesquisa mais extensa e aprofundada do que a abordada na segunda etapa. Então, de forma resumida, montaram a cartilha, a qual foi compilada em um documento ilustrado e divulgado nas redes sociais.

DISCUSSÃO

As manifestações cutâneas da maioria das doenças são descritas em pacientes de pele clara, sendo poucas as publicações que as abordam na pele negra. No entanto, o grau de pigmentação interfere sensivelmente na semiologia dermatológica, e assim, o reconhecimento das dermatoses nas peles mais escuras pode ser um desafio na prática médica diária. Por isso, é necessário garantir que os profissionais da área da saúde se familiarizem com as diferentes nuanças que as lesões podem adquirir na pele mais pigmentada1. Por isso, elaboramos tal trabalho.

A ação, então, visou capacitar acadêmicos de medicina para que estes consigam, futuramente, identificar lesões de pele em negros, as quais tendem a se apresentar de maneira diferente, quando comparadas com a pele branca. Além disso, procurou-se conscientizar e disseminar conhecimentos de profissionais especialistas na área, além de mostrar a realidade de diversos membros da população brasileira com condições de pele de difícil diagnóstico.

No decorrer do desenvolvimento, os médicos convidados compartilharam seus conhecimentos e sua vivência sobre a semiologia dermatológica na pele preta aos participantes da roda de conversa. Ainda, com a elaboração da cartilha, evidenciaram-se as doenças mais comuns na pele preta, permitindo aos participantes as conhecerem mais profundamente.

Além disso, o projeto apresentou limitações como dificuldades de estabelecer um contato mais próximo com os participantes, já que a via de comunicação era por meio de mídia social e alguns participantes podem ter ficado sobrecarregados por realizar as atividades que eram destinadas a outros integrantes. Também se evidenciou uma escassez de imagens a respeito dos temas, não permitindo elaborar um banco mais robusto, que seria uma significativa contribuição para a atividade.

Em um estudo, 47% de dermatologistas achavam que seu treinamento era inadequado para diagnosticar doenças de pele preta. A falta de familiaridade contribui para o atraso no diagnóstico e tratamento para este paciente. Estudos anteriores têm documentado que as imagens de livros didáticos em redes de ensino retratam desproporcionalmente mais pele branca. Nesse estudo, das 5026 imagens que analisamos, a proporção de imagens que retratam pele preta foi estimada em 22–32% nos livros didáticos6.

Nesse contexto de dificuldade de análise das particularidades inerentes ao padrão das lesões e à frequência de algumas dermatoses na pele negra, os profissionais deixam de ter acesso ao conhecimento necessário para diagnosticar e tratar corretamente tais patologias, representando uma grave falha na formação médica1.

A partir da intervenção, ficou evidente a necessidade de haver uma continuidade no debate acerca da saúde da população negra e a demanda por uma reforma na matriz curricular dos cursos de saúde que possibilite a inclusão do tema, já que este foi evidenciado como sendo pobremente explorado.

CONCLUSÃO

Assim, é notória a prevalência da pele branca na área dermatológica, fato que dificulta o entendimento da dermatologia da pele preta. A partir disso, é possível comprovar a extrema importância da ação no ambiente acadêmico, visto que, por mais que a população brasileira tenha um grande número de pretos e pardos, durante a formação acadêmica, o foco é quase total na pele branca. Com a roda de conversa, foi possível abordar o tema de modo amplo para promover uma discussão sobre a importância de se ter esse conhecimento como base da semiologia dermatológica, a fim de conseguir identificar as diferenças das manifestações clínicas entre os diversos tipos de peles. Com a cartilha, os participantes tiveram a oportunidade de se aprofundar no tema e se conscientizar ainda mais. Ainda, o evento foi capaz de alertar a todos acerca dessa realidade social, a qual foi ignorada durante muito tempo, e, consequentemente, demonstrar o papel do médico e também do acadêmico para mudar esse contexto da dermatologia. Apresentou limitações como dificuldades de estabelecer um contato mais próximo com os participantes, já que a via de comunicação era por meio de mídia social e alguns participantes podem ter ficado sobrecarregados por realizar as atividades que eram destinadas a outros integrantes. Também se evidenciou uma escassez de imagens a respeito dos temas, não permitindo elaborar um banco mais robusto, que seria uma significativa contribuição para a atividade.

Sendo assim, esse tema deve continuar a ser difundido, de maneira que ocorra a formação de profissionais realmente qualificados a tratar pacientes negros.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram que há conflito de interesse neste estudo. Um dos autores faz parte do corpo editorial da BMS.

FINANCIAMENTO

Não houve necessidade.

REFERÊNCIAS

1. Alchorne MMA, Abreu MAMM. Dermatologia na pele negra. An Bras Dermatol 2008 Fev;83:7–20.
2. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Rio de janeiro: IBGE; 2018. 12 p.
3. Agbai ON, Buster K, Sanchez M, Hernandez C, Kundu RV, Chiu M, Roberts WE, Draelos ZD, Bhushan R, Taylor SC, Lim HW. Skin cancer and photoprotection in people of color: a review and recommendations for physicians and the public. J Am Acad Dermatol. 2014 Abr;70(4):748-762. doi: 10.1016/j.jaad.2013.11.038. Epub 2014 Jan 28. PMID: 24485530.
4. Halder RM, Grimes PE, McLaurin CI, Kress MA, Kenney JA Jr. Incidence of common dermatoses in a predominantly black dermatologic practice. Cutis. 1983 Out;32(4):388, 390. PMID: 6226496.
5. Alchorne MMA, Abreu MAMM. Dermatoses na pele negra. In: Rotta O. Guia de dermatologia: clínica, cirúrgica e cosmiátrica. Barueri: Manole; 2008. p. 593-608.
6. Lester JC, Taylor SC, Chren M-M. Under-representation of skin of colour in dermatology images: not just an educational issue. Br J Dermatol. 2019 Jun;180(6):1521–